

O Cotidiano como Limite para o uso Problemático de Drogas: uma abordagem antropológica da dependência química

Karoliny Felipe Martins¹

¹Universidade de Brasília, Brasília, DF, Brasil

Resumo

Este trabalho propõe uma reflexão antropológica sobre a definição de dependência química. A partir de entrevistas realizadas em um pronto-socorro do Santo Daime, com indivíduos que buscavam tratamento para o que percebiam como uso problemático de álcool e outras substâncias psicoativas, observou-se que a dependência se articula estreitamente às dinâmicas do cotidiano. Essa perspectiva amplia a abordagem biomédica tradicional, incorporando dimensões relacionais e contextuais na interpretação do uso de drogas e das práticas de cuidado. A análise das narrativas de dois interlocutores evidenciou que experiências cotidianas desorganizadas são percebidas como indicativas de uma relação prejudicial com substâncias, motivando a busca por tratamento. Assim, a dependência química é compreendida como fenômeno relacional, cuja centralidade analítica reside na desorganização da vida cotidiana, considerada elemento-chave na delimitação do que constitui uso problemático.

Palavras-chave: Cotidiano; Drogas; Ayahuasca; Santo Daime; Saúde.

Everyday Life as a Limit to Problematic Drug Use: an Anthropological Approach to Chemical Dependence.

Abstract

This paper offers an anthropological reflection on the definition of chemical dependence. Based on interviews conducted at a Santo Daime emergency care facility with individuals seeking treatment for what they perceived as problematic use of alcohol and other psychoactive substances, it was observed that dependence is closely linked to everyday life dynamics. This perspective expands the traditional biomedical approach by incorporating relational and contextual dimensions into the interpretation of drug use and care practices. Analysis of the narratives of two interlocutors revealed that disorganized daily experiences were perceived as indicators of a harmful relationship with substances, motivating treatment-seeking. Thus, chemical dependence is understood as a relational phenomenon, whose analytical centrality lies in the disruption of daily life, considered a key element in defining what constitutes problematic use.

Keywords: Daily Life; Drugs; Ayahuasca; Santo Daime; Health.

Recebido em: 11/11/2024

Aceito em: 05/09/2025



Este trabalho está licenciado sob CC BY-NC-SA 4.0. Para visualizar uma cópia desta licença, visite <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

1 Introdução¹

O relatório mais recente sobre o uso de drogas publicado pela Organização das Nações Unidas (ONU, 2023), o *World Drug Report*, evidencia que o fenômeno das drogas é impulsionado por desigualdades econômicas e geográficas, as quais contribuem para a intensificação dos danos associados ao consumo. Nesse sentido, o relatório aponta que tais desigualdades convertem o uso de substâncias psicoativas em uma ameaça tanto à saúde pública quanto aos direitos humanos.

Em comparação com a última década, observa-se um aumento significativo no consumo de drogas em escala global. No contexto brasileiro, os riscos relacionados ao uso de substâncias estão fortemente associados à política proibicionista, que, antes de mitigar possíveis danos à saúde, produz riscos adicionais decorrentes da ilegalidade. Entre esses riscos, destacam-se o acesso precário às substâncias e a insegurança quanto à sua qualidade, o que, por sua vez, estimula padrões de consumo mais nocivos. Conforme salientam Silveira Filho e Doering-Silveira (2014), o simples ato de consumir não implica, necessariamente, no desenvolvimento de dependência química – esta caracterizada pela perda da autonomia e da capacidade de gerenciamento pessoal. Os autores ressaltam que os índices de dependência são relativamente baixos para a maior parte das substâncias: entre 12% e 13% no caso do álcool, 8% para a maconha e de 15% a 16% para a cocaína. Esses dados sugerem que, estatisticamente, a maioria dos usuários tende a não desenvolver dependência.

As causas e fatores associados à dependência química apresentam a mesma complexidade que caracteriza o fenômeno mais amplo do uso de drogas. O *Manual de Psiquiatria* (Pan; Silveira; Fidalgo, 2011) propõe compreendê-la a partir de um tripé que envolve três dimensões: (i) o meio ambiente, que inclui cenário e contexto de uso; (ii) a substância, considerando sua forma de apresentação, acessibilidade, custo, modo de uso, propriedades químicas, potencial de dependência e efeitos fisiológicos; e (iii) o indivíduo, cuja relação estabelecida com a substância pode ser modulada por fatores genéticos, biológicos e psicodinâmicos.

Dessa forma, o desenvolvimento da dependência não pode ser compreendido apenas como consequência direta do consumo, mas como resultado da interação entre múltiplos fatores. Para Silveira Filho e Doering-Silveira (2014), a distinção fundamental entre o uso recreativo e o uso problemático reside na capacidade do sujeito de manter padrões de consumo controlados. Entretanto, o estigma social associado ao uso de drogas – sobretudo ilícitas – gera uma barreira significativa ao acesso a cuidados, prolongando o tempo de busca por tratamento e agravando os problemas decorrentes do consumo. Tais dificuldades são amplificadas pela própria lógica proibicionista vigente.

¹ A primeira versão deste texto foi apresentada ao Congresso da Rede Internacional de Sociologia das Sensibilidades no Grupo de Trabalho de Sociologia da Saúde (2023).

Sob a perspectiva biomédica, a dependência química pode ser compreendida como a organização processual de um conjunto de sintomas que emergem da interação entre três dimensões: a substância psicoativa, o sujeito e o contexto sociocultural. O abuso, o uso nocivo e a dependência são categorias classificadas, para fins diagnósticos, de acordo com a CID-10 (Classificação Internacional de Doenças). Entre os critérios dessa classificação, destacam-se a síndrome de dependência e o uso nocivo, este último definido como padrão de consumo que causa prejuízos à saúde física ou mental. No que tange a esse diagnóstico, estabelece-se que, em um período de doze meses, a presença de três ou mais dos seguintes indicadores é suficiente para o diagnóstico: desejo intenso ou compulsão para o uso; dificuldade em controlar o consumo; manifestações de abstinência fisiológica quando há redução ou interrupção; evidência de tolerância; abandono progressivo de interesses e prazeres alternativos em favor do uso; e persistência do consumo mesmo diante do reconhecimento de seus efeitos nocivos. Quanto ao uso nocivo,

As diretrizes diagnósticas requerem que um dano real tenha sido causado à saúde física ou mental do usuário e que, ao mesmo tempo, esse sujeito não preencha os critérios diagnósticos para dependência, para transtorno psicótico induzido por drogas ou para outro transtorno relacionado ao uso de drogas. (Silveira Filho; Doering-Silveira, 2014, p. 94)

A rotina constitui um dos parâmetros centrais para a avaliação da distinção entre um uso considerado não problemático e aquele classificado como problemático. O consumo de drogas passa a configurar-se como um problema na medida em que interfere negativamente no curso das atividades habituais, como o desempenho no trabalho, os processos de estudo e educação, os momentos de lazer e a realização das tarefas domésticas.

O presente artigo constitui um recorte das discussões desenvolvidas na dissertação intitulada “O despertar da consciência e a reorganização da vida cotidiana: uma etnografia em um Pronto-Socorro do Santo Daime”, defendida no Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal do Paraná, em fevereiro de 2023. Nesse trabalho, examino as particularidades de uma proposta de cuidado em saúde em que a ayahuasca é mobilizada como recurso terapêutico central, no âmbito de uma Igreja situada na região metropolitana de Curitiba. A investigação, conduzida entre 2021 e 2022, fundamentou-se na realização de entrevistas semiestruturadas, das quais derivam os dois casos analisados neste artigo. Em virtude do contexto pandêmico, as entrevistas foram realizadas de forma remota, mediadas por aplicativos de mensagens: as questões orientadoras eram previamente encaminhadas às pessoas participantes e, em sua maioria, as respostas foram registradas em áudios. Em etapa subsequente, a pesquisa contemplou ainda observações de campo presenciais, compondo um processo etnográfico que buscou articular diferentes formas de produção de dados.

Cumprasse assinalar que este texto não tem como objetivo abarcar a vasta bibliografia dedicada aos usos ritualísticos da ayahuasca e às suas interfaces com a saúde já consolidada nas ciências sociais (Taussig, 1993; Luna, 1986; Palaez, 1994; Labate, 2000; Mercante, 2012; Rose, 2002; Labate, 2004; Rose, 2005; Rose, 2006; Langdon, 2004). Ainda assim, reconhece-se a relevância dessas contribuições para situar a presente reflexão, que busca dialogar especificamente com as categorias nativas, os sentidos atribuídos à experiência e com as formas de cuidado mobilizadas localmente.

A seleção das pessoas entrevistadas obedeceu a dois critérios principais: (i) ter vivenciado a primeira experiência com a bebida *daime* no serviço de Pronto Socorro da Igreja estudada – objeto central da dissertação –, e (ii) possuir histórico pessoal de uso problemático de drogas no momento em que tiveram esse primeiro contato com a ayahuasca. A partir desses critérios, a seleção foi realizada mediante convite direcionado ao grupo de WhatsApp dos(as) frequentadores(as) da referida instituição religiosa.

O cotidiano, compreendido aqui como o espaço da rotina, dos hábitos e dos eventos domésticos (DAS, 2020), apresenta-se como um limiar entre o uso de drogas e a ingestão do *daime* – denominação atribuída à ayahuasca no contexto religioso investigado. Neste artigo, contudo, proponho focalizar a noção de dependência química a partir de sua articulação com o desmantelamento da rotina.

As classificações de uso estabelecidas pela Organização Mundial da Saúde (OMS) distinguem o uso nocivo da dependência a partir do agravamento dos sintomas. A dependência caracteriza-se, sobretudo, pela ocorrência de crise de abstinência quando há interrupção do consumo, bem como pela desorganização da vida do indivíduo. Ainda, o uso normal e o patológico têm seus limites definidos pela danificação à saúde do indivíduo (Fiore, 2004).

Para Jardel Fischer Loeck (2014) as ideias e os conceitos sobre o uso de drogas e as possíveis complicações dele derivadas se respaldam pela contribuição da Organização Mundial de Saúde (OMS), como organização que gere questões globais de saúde pública, para a justificativa do estatuto proibicionista dedicado a algumas substâncias. Apoiadas pela delegação da biomedicina como promotora de extensão da vida à qual concede à dependência química um conceito de doença e que por isso, é passível de intervenção. O foco no uso das drogas como problema, em especial de saúde, norteia a elaboração de políticas de drogas onde a saúde passa a ser tomada por uma prerrogativa moral uma vez que a perspectiva de “uma sociedade sem drogas”, como colocada na até então vigente Política de Drogas (Brasil, 2019a) é respaldada sob a lógica da proteção à saúde, reduzindo as variações de uso de drogas ao uso problemático.

Repensar o conceito de dependência química estando referenciado pelo cotidiano e não pelos atributos biológicos, contribui para se refletir sobre os problemas associados ao uso de forma mais concreta, uma vez que está se partindo da vida corriqueira. Isso promove um alargamento em relação as concepções biomédicas ainda que esses parâmetros não se contradizem necessariamente. Este artigo não pretende revisar sistematicamente a bibliografia acerca da dependência química, mas busca apresentar uma reflexão antropológica sobre o assunto.

2 Droga como Conceito em Fronteira: continuidades e rompimentos frente ao cotidiano

Os dados a serem analisados foram produzidos no âmbito da pesquisa etnográfica desenvolvida para a elaboração da dissertação de mestrado, cujo objeto de estudo consistiu em uma proposta terapêutica vinculada a uma Igreja do Santo Daime, na qual a bebida ritual se configurava como recurso terapêutico central e exclusivo. A centralidade atribuída à ayahuasca nesse contexto evidencia a necessidade de distingui-la, quando utilizada em práticas ritualísticas, das substâncias convencionalmente enquadradas sob a categoria

de “drogas”. Essa diferenciação não é apenas conceitual, mas se inscreve em um regime simbólico que redefine as fronteiras entre o lícito e o ilícito, o terapêutico e o nocivo, o profano e o sagrado.

Localizada na região metropolitana de Curitiba, a instituição é motivo de orgulho para o dirigente, cuidadores e frequentadores, sendo reconhecida em redes ayahuasqueiras e daimistas como referência no tratamento da dependência química. Ainda que os diálogos e tensões com outras perspectivas religiosas e terapêuticas sobre a dependência sejam relevantes, não serão aqui aprofundados, uma vez que constituem objeto de reflexão em texto específico.

A fundação da casa foi diretamente inspirada na trajetória de recuperação do próprio dirigente por meio daquilo que é denominado “consagração” da bebida sacramental. O vocábulo, etimologicamente associado ao ato de “investir(-se) de caráter ou funções sagradas”, revela a forma pela qual a ayahuasca é incorporada, nesse contexto, como substância dotada de valor espiritual e religioso. Tal registro simbólico permite a reconfiguração do estatuto da bebida, possibilitando sua desvinculação do rótulo de “droga” e reinscrevendo-a no domínio do sagrado e do terapêutico.

O espaço religioso reúne majoritariamente sujeitos que compartilham de trajetórias pessoais ou familiares de uso abusivo de drogas, para os quais a experiência com a ayahuasca é descrita como fundamental em seus processos de recuperação e cura. Nesse sentido, a casa instituiu um serviço denominado Pronto Socorro, voltado especificamente ao atendimento de situações associadas à saúde mental, ao uso de álcool e de outras drogas. Tal serviço, ainda que se realize fora do calendário formal de atividades rituais, mantém-se ancorado na lógica religiosa que estrutura a prática, articulando-se de forma intrínseca às concepções espirituais que o fundamentam. O elemento central desse arranjo é a crença de que a bebida que organiza a prática ritual é portadora de qualidades espirituais e, sobretudo, curativas, constituindo-se como mediadora entre sofrimento, cuidado e transcendência.

As substâncias designadas como “drogas” são comumente associadas, no contexto desta pesquisa, à produção de um estado ilusório. Tal compreensão foi recorrente nas entrevistas realizadas e se aproxima de uma definição quase institucional, uma vez que é constantemente enunciada pelo dirigente e reproduzida por adeptos e frequentadores da casa como chave interpretativa. Esse entendimento constitui, inclusive, o fundamento simbólico que distingue a bebida utilizada nos rituais – o *daimé* – da lógica atribuída às drogas. Nesse cenário, as drogas não são reduzidas apenas a seus efeitos fisiológicos ou bioquímicos, tampouco se limitam à acepção genérica que as classifica como substâncias capazes de provocar alterações físicas ou psíquicas no organismo. A definição nativa compreende-as, sobretudo, como elementos geradores (ou mantenedores) de um estado de ilusão. Esse estado, por sua vez, pode ser interpretado como uma condição de distanciamento em relação a um estilo de vida orientado por valores cristãos. Considerando que a dependência química é concebida também em termos espirituais, tanto o processo de adoecimento quanto o processo de cura adquirem ascendência em uma prerrogativa espiritual. Nesse modelo, observa-se uma sobreposição e, simultaneamente, uma tensão entre os registros religiosos e biomédicos, que se combinam e se afastam de forma.

Nesse contexto, a dependência permanece reconhecida como doença, uma vez que os indivíduos que procuram a casa em busca de cura são denominados pacientes. Ainda que a condição seja também interpretada espiritualmente, as drogas não são personificadas como

uma entidade maligna ou um “mal absoluto”. Para os(as) interlocutores(as), o que conduz ao uso de drogas é o afastamento de Deus, entendido como um movimento de busca por sentido e preenchimento existencial. A reaproximação, quando almejada, é mediada pela consagração da bebida *daime*, concebida como recurso espiritual e terapêutico.

Esse modelo de cuidado, ainda que o uso do termo “terapêutico” demande ressalvas em razão da vinculação exclusiva da bebida ao contexto ritualístico, fundamenta-se na ingestão da ayahuasca e na experiência que ela proporciona. A proposta terapêutica, portanto, está menos associada a um protocolo biomédico e mais ancorada na vivência espiritual promovida pelo *daime*, que, segundo os interlocutores, possibilita o “despertar da consciência”. Esse despertar é concebido como a capacidade de retirar o indivíduo da ilusão produzida pelas drogas, reinserindo-o em uma perspectiva de vida alinhada à espiritualidade cristã do grupo. O emprego do termo “droga” como categoria analítica nesta discussão se justifica, portanto, pelo fato de ser essa a noção mobilizada pelos interlocutores, carregando significados específicos e situados que serão detalhados ao longo do texto.

Nesse sentido, argumento que as identidades são mobilizadas a partir das relações estabelecidas com as substâncias classificadas como drogas. A Doutrina do Santo Daime, reconhecida pelo uso ritual de uma bebida de origem indígena, a ayahuasca, renomeada no contexto religioso como *daime*, mantém em sua formulação propriedades químicas que a caracterizam como substância psicoativa. Essa bebida contém dimetiltriptamina (DMT), presente na folha da chacrona, cujo efeito só se manifesta quando combinada às enzimas inibidoras da monoamina oxidase presentes no cipó jagube. A associação desses elementos desencadeia alterações físicas, mentais, emocionais e, sobretudo, espirituais – conforme afirmado por adeptos(as) da doutrina. Do ponto de vista biomédico, tal efeito decorre da semelhança estrutural do DMT com a serotonina, neurotransmissor associado ao humor e ao bem-estar, o que lhe permite interagir com receptores serotoninérgicos e ativar regiões cerebrais ligadas à produção de imagens espontâneas. No contexto nativo, contudo, essas visões são interpretadas como ferramentas de cura e de revelação espiritual, configurando o *daime* como mediador privilegiado entre sofrimento, consciência e transcendência.

A Doutrina do Santo Daime apresenta duas principais vertentes, cuja diferenciação se consolida a partir do falecimento de seu fundador, Mestre Irineu, e da subsequente continuidade do movimento sob a liderança de Padrinho Sebastião. Esse processo inaugura uma disputa institucional em torno da noção de originalidade da doutrina. A controvérsia não se centra, necessariamente, nas figuras de Mestre Irineu e Padrinho Sebastião em si, mas na forma como suas linhagens se estruturam: de um lado, o Alto Santo, vinculado à memória e à autoridade de Mestre Irineu; de outro, o ICEFLU, associado à liderança de Padrinho Sebastião. O ponto de inflexão entre ambas as vertentes encontra-se, sobretudo, na incorporação de outras substâncias ao itinerário ritualístico. Essa divergência, no entanto, produz múltiplas interpretações acerca da categoria “droga”, que não se apresentam de modo homogêneo, mesmo em um universo religioso tão particular quanto o Santo Daime.

No caso da Igreja investigada, a reivindicação de legitimidade em relação à linhagem de Mestre Irineu é sustentada pela recusa em incluir outras substâncias – como maconha ou tabaco – em seus rituais. Tal posicionamento ganha relevância se considerado o perfil de seus(as) adeptos(as) e frequentadores(as), em grande parte marcados(as) por trajetórias pessoais ou familiares de uso abusivo de álcool e outras drogas. Nesse contexto, torna-se fundamental discutir os significados êmicos atribuídos à categoria “droga”, evidenciando

as formas como tais concepções são mobilizadas localmente na constituição de práticas de cura, moralidade e legitimidade religiosa.

Uma das perguntas que eu dirigia aos entrevistados era referente à percepção sobre a dependência química. Vista como doença, a dependência química é pensada como resultado do afastamento de Deus. Esse afastamento, contudo, acarretaria um adoecimento em que o álcool, por exemplo, passaria a ser utilizado como meio de sanar as dores geradas pela própria doença. Ao menos essa foi uma interpretação fornecida por um interlocutor quando perguntado sobre a dependência química. O que é compartilhado entre os demais interlocutores é a percepção da dependência como doença. Mas ao contrário da percepção clínica da dependência como uma doença incurável, aqui não só a doença é possível de ser curada, mas é curada, em especial, através da ingestão da bebida com características psicoativas.

O próprio conceito de cura está atrelado não apenas ao desaparecimento dos sintomas, no caso da biomedicina e em relação à dependência, correspondente à manutenção da abstinência, mas antes de tudo a compreensão desse quadro ilusório engendrado pelo uso de drogas. Isso é interessante à medida que ilusão e consciência são os vocábulos que parametrizam droga e *daimê*, substâncias que são pensadas em oposição. Não é à toa que uma das discussões prementes ao campo ayahuasqueiro e/ou daimista é a negação de que a substância ritualística seja uma droga mesmo que acusações frente a outros grupos digam o contrário.

Passo agora a refletir sobre a categoria droga tendo como pano de fundo o cotidiano. Digo isso porque tenho pensado, baseado nas experiências trazidas pelos interlocutores da pesquisa, em como a categoria droga encontra no cotidiano uma possibilidade de definição. Primeiro, quero refletir a partir de eventos recortados de suas experiências como a noção de droga é atravessada pelo cotidiano e, em consequência, como o conceito de dependência química se insere aqui. Para tecer essas reflexões utilizarei como base recortes das entrevistas realizadas para essa pesquisa, mas em especial, me debruçarei em dois eventos relatados que permitiram que a conexão com o cotidiano fosse traçada e que fosse elevada à categoria analítica.

“Tipo, tantas vezes eu falava que não ia usar e voltava a usar” (recorte de entrevista, 2021). Essa frase proferida por um interlocutor é representativa porque a droga está associada ao descontrole: “não tinha mais domínio”, “falta de controle”, “perdi um pouco o controle”, “no início era controlado”, “acabou saindo do controle” foram expressões trazidas pelos(as) entrevistados(as) para contextualizar o histórico de uso de drogas dentro das motivações associadas à busca por tratamento, como solicitados pelas questões norteadoras. Ainda que nem todo(a)s o(a)s entrevistado(a)s respondessem de forma tão detalhada quanto os dois relatos que serão analisados, a perda do controle foi descrita como imprescindível e motivadora por praticamente todo(a)s o(a)s entrevistado(a)s para dar início a trajetória espiritual e terapêutica vinculada à Doutrina do Daime. Para além disso, a ideia envolta na perda do controle é uma condição para significar o uso de drogas como um uso problemático e, em termos biomédicos, caracterizar a dependência.

Trago o cotidiano como cenário pois os relatos que serão descritos trazem a ideia do rompimento com o cotidiano muito evidentemente como fundamento do problema das e com as drogas. As drogas desorganizam o cotidiano configurando o que os interlocutores chamaram de perder o controle – *“A pessoa entra, achando que tá tudo no controle, mas conforme passa o tempo esse descontrole vai surgindo e aí ela tá perdida, porque ela já tá presa em algo muito*

maior do que ela achava que era.” (trecho de entrevista, 2021) – a medida em que o indicativo da droga como um problema está associado à entrada dessas substâncias na vida cotidiana e não restrito aos momentos socialmente apropriados para tal. A seguir exponho os eventos que me auxiliaram a refletir dessa forma.

3 Caso 1

Aos 16 anos Joana² já fazia uso de álcool, maconha e cocaína de forma contínua durante a semana, mas sem afetar o desempenho escolar ou acadêmico, posto que acabou se formando mesmo com um uso, dito por ela, exagerado. A cocaína culminou em um estado de descontrole, e Joana solicitou aos pais que a internassem para tratar do problema. A configuração da cocaína como um problema se deu pela percepção de um uso cotidiano:

[...] eu comecei a usar todo dia, todo dia de manhã, de tarde e de noite. Era pra mim...e se eu não usasse, se eu não cheirasse, era, eu não conseguia produzir, eu não conseguia fazer nada, é [...] e eu ficava nervosa em pensar que eu não ia ter, então aí que começou a realmente me assustar, né, a minha vida começou a girar em torno da cocaína, só conseguia fazer qualquer coisa se eu tivesse cocaína na mão se não ...aí que começou a me dar medo que tava me dominando mesmo. (Trecho de entrevista, 2021).

O domínio relacionado à substância e comumente trazido como ponto de discussão quando do assunto droga fazendo alusão à ideia de que as drogas são substâncias agenciadoras, penso que, está amarrado à suspensão da vida cotidiana. O que assustou e motivou Joana a procurar ajuda não foi o uso da droga em si, mas a integração delas no seu dia a dia: *“eu comecei a usar todo dia”* e *“a minha vida começou a girar em torno da cocaína”* respaldam essa ideia.

Depois de passar um mês internada, sem dar maiores detalhes sobre esse momento, Joana deixou de usar de vez a droga. Contudo, o álcool permaneceria em sua vida e entraria em seu cotidiano, assim como no caso da cocaína, o que acenderia o alerta de que o uso da droga estaria prejudicando-a. De acordo com ela, mesmo após esse período de internamento em que conseguiu se abster não só da cocaína, mas da maconha também, o álcool sempre esteve presente no que se costuma convencionar de uso social. Nas festas, em finais de semana, churrascos, a cerveja ou o vinho mantinham um uso *“para relaxar”* sem ser visto como um problema mesmo que dentro dessas ocasiões o uso do álcool era certo, *“não tinha uma opção, sempre bebia”*.

A configuração do álcool como um problema passou a ser pensada por Joana à medida em que o uso atravessava o cotidiano no sentido de perturbar suas obrigações diárias. Joana passou a tomar vinho diariamente durante a tarde e seus afazeres domésticos passaram a ser afetados por esse uso. Ela exemplifica isso com: *“queimar a comida”, “esquecer eles (filhos) no colégio”, “de não ir buscar eles (filhos) no colégio”*. Ou seja, o trato do uso do álcool como um problema só foi perceptível a partir do momento em que, por causa do uso, a vida cotidiana é desorganizada. Desorganizada no sentido, não da falta de ordem, mas especificamente, aludindo à ideia de alteração referente à vida cotidiana. Digo isso porque pressuponho que a associação que os interlocutores fazem da droga com a falta de controle ou domínio está nesse sentido. No caso de Joana entendo que esses detalhes que

² Foi adotado o uso de nomes fictícios em respeito à identidade das pessoas participantes. Ressalta-se que, no âmbito desta pesquisa, não foram exploradas em profundidade as trajetórias de vida dos(as) interlocutores(as), de modo que não há informações interseccionais detalhadas acerca de suas experiências individuais.

ela traz em sua fala sobre sua vida cotidiana tem alguma correspondência com o gênero. Não penso que seja um mero detalhe que essa percepção sobre como a droga afeta o dia a dia a partir de uma mulher-mãe. Dos sete interlocutores diretos, no sentido de terem sido entrevistados, Joana é uma das duas únicas mulheres. Para os homens, essa afetação do cotidiano causada pelas drogas é associada mais precisamente ao trabalho em um contexto de que a reorganização proporcionada pela ingestão do *daime* tem sua cura atribuída à restituição do trabalho.

Mas retornando à Joana, ela realmente entende que essa afetação de sua vida cotidiana se configurou como problema tanto que esses exemplos foram citados por ela após ela dizer que ao beber muito vinho à tarde “[...] *começou a realmente a causar problemas*” (Trecho de entrevista, 2021). Isso é interessante porque a desordem cotidiana marca a interpretação dessa situação como problemática e é fundamental para que Joana idealize buscar ajuda, não só no contexto do álcool, mas também no contexto anterior de uso da cocaína e maconha. Por mais que os demais interlocutores não detalhem eventos que parametrizem essa percepção, estou entendendo que essa entrada que as drogas fazem na vida cotidiana está equiparada pelos termos que pensam a ideia da perda do controle, esse sim trazido pelos demais.

Diante do medo de “perder o controle” pelo uso do álcool, Joana tem sua vida social abalada tal qual sua vida cotidiana. O afastamento da vida social como forma de prevenir a bebida em excesso e o nervosismo do marido perante essa possibilidade de que com isso ela fosse “aprontar alguma coisa” não evitaram que Joana continuasse bebendo pois, longe das comemorações e eventos sociais, Joana passou a beber escondida em casa. Diariamente, então, Joana que sempre dispunha de “garrafa de vinho escondida pela casa” e sentindo-se mal perante essa situação somada à eventualidade de seu esposo descobrir que ela bebia escondida, ela decide procurar ajuda. Em um momento de desespero, após ter bebido durante a tarde, relata que joga na internet “a cura para o alcoolismo” e a partir desse momento sua trajetória é mudada, pois conhece o trabalho da Igreja do Santo Daime.

4 Caso 2

Após sofrer uma batida de carro ocasionada pela bebida, Marcos conserta seu carro, coincidentemente, na oficina de um amigo que era vinculado à Igreja do Santo Daime. Ao explicar a causa da batida, “*porque tinha bebido*”, o amigo diz a ele que pode, além de arrumar o carro, “*também podia arrumar nessa questão aí que tinha em relação à bebida*” (Trecho de entrevista, 2021). Porém, Marcos avisa que a questão associada ao uso de drogas não era apenas associada ao álcool, era cruzada com o uso da cocaína. Ao obter resposta positiva de que fosse possível desfazer o uso das duas substâncias, Marcos conheceu o serviço ofertado pela Igreja. É esse o contexto em que Marcos conhece o trabalho do Pronto Socorro e vincula sua mudança de trajetória a ele.

O interessante no relato acima é a conciliação da reparação que é feita no carro ao reparo que é feito na vida de Marcos. O verbo “arrumar” empregado nessa situação expõe a ideia de que, para além do entendimento do uso de drogas como problemático, o uso pode ser arranjado. Um dos significados desse verbo, quando pesquisado no google, é “*pôr (algo) em certa ordem conveniente ou apropriada*”, reforçando o sentido da droga como produtora de desordem.

O encontro entre esses dois relatos está na suspensão do cotidiano atravessado por eventos, seja a batida de carro, seja a descontinuidade dos afazeres domésticos, que estimulam a perceber a problemática envolvida no uso de drogas e que, concomitantemente, se referem à mesma droga, ao menos de forma centralizada, que é o álcool onde essa percepção é o ponto de partida para que esses interlocutores tenham suas trajetórias demarcadas pelo encontro com o *daimê*.

Alves e Pereira (2019) argumentam que, no contexto de uso do crack, o conceito biomédico de dependência é reconhecidamente impreciso e vago. Sustentam esse argumento por meio da retirada do termo do manual diagnóstico estatístico de transtornos mentais (DSM) na sua quinta e última versão, ainda que o termo seja bastante usado no discurso habitual dos técnicos e outros profissionais que trabalham com o crack. A referência da dependência química tende a buscar unir as dimensões biológicas, psicológicas e sociais. Nesse sentido, os autores chamam a atenção para o destaque dado ao impulso.

Interessa ressaltar, dentro da definição de dependência química, o impulso a utilizar a substância de modo contínuo ou periódico. Esse impulso, por outros chamado de compulsão, seria o dado propriamente psicológico da dependência segundo o discurso estabelecido a respeito da dependência de substância (Alves; Pereira, 2019, p. 133)

Os aspectos físicos e sociais da dependência são mais bem dimensionados que o aspecto social, este relegado a atividades e dimensões temporais da obtenção da substância, uso ou recuperação dos efeitos ou abandono ou redução de atividades sociais, ocupacionais ou recreativas (Alves; Pereira, 2019). Os antropólogos propõem que o uso ritual e as relações estabelecidas entre os usuários são fundamentais para compreender este contexto. Além disso, eles entendem que o domínio sobre a vontade não é perdido pelos usuários, já que a vontade é usada diariamente em suas “correrias”. Alves e Pereira (2019) deduzem que a ideia de dependência química, deve incorporar o contexto social da droga, para poder dar conta da atração exercida pelos territórios de uso de crack. No caso das crackolândias, é importante compreendê-las como espaços de uso de crack que propiciam acolhimento ao usuário, dado o não julgamento dos agrupamentos de consumo, o que ajuda a compreender o caráter social da dependência.

Ainda sobre isso, Jardel Fischer (2014, p. 14) argumenta que “A dependência química foi um conceito de doença cunhado com o objetivo de diagnóstico biomédico, mas que também contribuiu para justificar o próprio regime proibitivo-legal estabelecido pela ONU para algumas substâncias.

O campo da Antropologia dispõe de uma ampla bibliografia dedicada às modalidades de uso de drogas não problemáticas, ou, em outros termos, de usos socialmente normativos, a exemplo de Becker (2008) e Velho (1975) A diversidade de práticas e significados associados ao consumo de substâncias evidencia que as drogas devem ser compreendidas não apenas como objetos biomédicos, mas como fatos sociais complexos que atravessam dimensões econômicas, subjetivas, políticas e morais (Fischer, 2010). Assim, analisá-las unicamente a partir de suas potenciais consequências biomédicas, ou restringi-las a um olhar instrumental vinculado a finalidades médicas, implica reduzir a complexidade do fenômeno. A abordagem antropológica, ao contrário, permite tensionar tais perspectivas essencialistas, situando o consumo de drogas em regimes simbólicos e sociais mais amplos, e possibilitando a produção de interpretações e informações mais condizentes com a densidade e a heterogeneidade que caracterizam o tema.

5 Considerações Finais

O fenômeno das drogas constitui-se como tema recorrentemente atravessado por parâmetros de ordem moral. O risco da dependência química, em particular, tende a ocupar posição central nas narrativas e argumentos que sustentam o modelo proibicionista. Nesse contexto, imagens e discursos que retratam indivíduos cujas trajetórias de vida foram interrompidas ou profundamente alteradas pelo uso excessivo de substâncias são amplamente utilizados em campanhas públicas e midiáticas como estratégias de conscientização. Assim, a dependência química é frequentemente apresentada não como uma possibilidade eventual, mas como o desfecho inevitável do consumo de drogas.

A análise do conceito de dependência a partir da perspectiva do cotidiano revela-se frutífera, pois desloca o debate para uma dimensão concreta e experienciada. Entre os(as) interlocutores(as), a percepção de que o uso de drogas havia se transformado em uso problemático surgiu apenas quando esse consumo passou a comprometer o andamento da vida diária. Exemplos recorrentes incluem acidentes de trânsito, alimentos queimados, interrupção de momentos de lazer e perda de compromissos, situações que evidenciam o cotidiano como parâmetro de delimitação entre um uso considerado problemático e outro não. Dessa forma, amplia-se a compreensão biomédica tradicional, ao incorporar classificações de qualidade de vida elaboradas pelos próprios sujeitos a partir de suas experiências concretas e rotineiras.

Referências

ALVES, Ygor Diego Delgado; PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. Uma antropologia do “fluxo”: reflexões sobre dependência no contexto do crack. *Interthesis*, Florianópolis, v. 16, p. 121-142, 2019.

BRASIL. **Lei n. 13.840, de 5 de junho de 2019**. Dispõe sobre o Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas e as condições de atenção aos usuários ou dependentes de drogas e para tratar do financiamento das políticas sobre drogas. [2019a]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/lei/l13840.htm. Acesso em: 7 set. 2021.

BRASIL. **Decreto n. 9.926, de 19 de julho de 2019**. Dispõe sobre o Conselho Nacional de Políticas sobre Drogas. [2019b]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/decreto/d9926.htm. Acesso em: 7 set. 2021.

BECKER, H. S. **Outsiders**: estudos de sociologia do desvio. São Paulo: Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2008.

DAS, Veena. **Textures of the ordinary**: doing anthropology after Wittgenstein. New York: Fordham University Press, 2020.

IORE M. **Tensões entre o biológico e o social nas controvérsias médicas sobre uso de “drogas”**. [S.l.]: Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre Psicoativos, 2022.

LABATE, Beatriz Caiuby. **A reinvenção do uso da ayahuasca nos centros urbanos**. 2000. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

LABATE, Beatriz Caiuby. **A reinvenção do uso da ayahuasca nos centros urbanos**. Campinas: Mercado de Letras: Fapesp, 2004.

LANGDON, E. J. A Tradição Narrativa e Aprendizagem com Yagé (Ayahuasca) entre os Índios Siona da Colômbia. In: LABATE, Bia; ARAÚJO, Valdimyr. (org.). **A Tradição Narrativa e Aprendizagem com Yagé (Ayahuasca) entre os Índios Siona da Colômbia**. 2. ed. Campinas: Fapesp/Editora Mercado de Letras, 2004. v. 1. p. 67-94.

LOECK, J. F. **Os usos de psicoativos e seus controles**: entre o crime e a doença: a dependência química e seus cuidados: antropologia de políticas públicas e de experiências de indivíduos em situação terapêutica na cidade de Porto Alegre, RS. 2014. 285p. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

LUNA, Luis Eduardo. **Vegetalismo**: Shamanism among the mestizo population of the Peruvian Amazon. Estocolmo: Almqvist and Wiksell International, 1986.

MERCANTE, Marcelo S. **Imagens de Cura**: Ayahuasca, imaginação, saúde e doença na Barquinha. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2012. 322p.

PELAEZ, Maria Cristina. **No mundo se cura tudo. Interpretações sobre a “cura espiritual” no Santo Daime**. 1994. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1994.

PAN, P. M.; SILVEIRA, D. X.; FIDALGO, T. M. Dependência Química. In: FIDALGO, T. M.; SILVEIRA, D. X. (org.). **Manual de Psiquiatria**. 1. ed. São Paulo: Roca, 2011. p. 1-11.

ROSE, Isabel Santana de. **Espiritualidade, terapia e cura**: um estudo sobre a expressão da experiência no Santo Daime. 2005. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

ROSE, Isabel Santana de. Repensando as fronteiras entre espiritualidade e terapia: reflexões sobre a ‘cura’ no Santo Daime. **Campus, Revista de Antropologia Social**, v. 7, n. 1, 2006.

SILVEIRA FILHO, Dartiu Xavier da; DOERING-SILVEIRA, Evelyn Borges. **Padrões de uso de Drogas – prevenção dos problemas relacionados ao uso de drogas**: capacitação para conselheiros e lideranças comunitárias. 6. ed. Brasília, DF: SENAD-MJ/NUTE-UFSC, 2014.

TAUSSIG, Michael. **Xamanismo, Colonialismo e o Homem Selvagem**. Editora Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1993.

VELHO, Gilberto Cardoso Alves. **Nobres e anjos**: um estudo de tóxicos e hierarquia. 1975. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1975.

ONU – ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Relatório Mundial sobre Drogas 2023 do UNODC**. ONU, 2023. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/238195-relat%C3%B3rio-do-unodc-alerta-para-expans%C3%A3o-de-mercados-de-drogas-il%C3%ADcitadas>. Acesso em: 21 jan. 2026.

Karoliny Felipe Martins

Antropóloga. Doutoranda em Antropologia Social pela Universidade de Brasília; Mestra em Antropologia e Arqueologia (2023) pela Universidade Federal do Paraná; Especialista em Antropologia Cultural (2019) e Licenciada em Ciências Sociais (2017), ambas pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Atuou como Professora de Sociologia da Educação Básica do PR (2016-2022), Professora no curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Relações Étnico-Raciais e Gênero: Ferramentas Teóricas e Práticas em Perspectivas Emancipatórias e Teoria Crítica do Direito da Faculdade de Direito da UERJ (2023). Atualmente atua como Assessora Técnica na Coordenação-Geral de Justiça Étnico-racial na Política sobre Drogas, da Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas e Gestão de Ativos do Ministério da Justiça e Segurança Pública; Professora Convidada no Curso de Especialização em Antropologia Cultural da PUC-PR. Tem interesse na discussão sobre produção de saúde em contexto de uso de drogas, usos terapêuticos de substâncias psicoativas, políticas de drogas e questões correlatas, segurança pública, justiça racial e políticas públicas.

Endereço profissional: Instituto de Ciências Sociais, térreo, Asa Norte, Brasília, DF. CEP: 70910-900.

E-mail: karol_pgem@msn.com; karolf.martins95@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1980-7843>

Como referenciar este artigo:

MARTINS, Karoliny Felipe. O Cotidiano como Limite para o uso Problemático de Drogas: uma abordagem antropológica da dependência química. **Ilha – Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 27, n. 3, e103850, p. 65-76, 2025.